



Análise dos telejornais capixabas: A ausência das juventudes múltiplas

Alice Barcellos¹

Edgard Rebouças²

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: O trabalho busca compreender como os telejornais *Balanço Geral* (TV Vitória/Record), *Ronda Geral* (TV Tribuna/SBT), *Tribuna Notícias 1* (TV Tribuna/SBT) e *ESI* (TV Gazeta/Globo), mostram as juventudes da Região Metropolitana da Grande Vitória. O estudo entende o jovem como uma categoria social e, neste artigo, define jovem como indivíduo de 15 a 29 anos. Parte-se do princípio do jornalismo como forma de democracia e educação para a sociedade. Foi realizada uma análise de conteúdo das matérias com jovens e revelou-se que a maior parte delas relaciona tais indivíduos às violências urbanas. Os jovens que mais aparecem são homens negros. Poucas matérias apresentam conteúdos sobre educação, economia, esporte ou saúde tendo as juventudes como personagens, o que indica a preferência editorial das principais emissoras locais na manutenção da imagem da juventude associada à violência.

Palavras-chave: Juventudes; Telejornalismo; Violência; Grande Vitória

Introdução

O jornalismo no Brasil é testado diariamente, e até mesmo descredibilizado não só pela sociedade, mas pelos próprios governantes. Por isso, é tão importante ressaltar a

¹ Jornalista, mestre em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e pesquisadora do Observatório da Mídia. E-mail: alicebarcellos@outlook.com

² Jornalista, mestre e doutor em Comunicação; professor da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e coordenador do Observatório da Mídia. E-mail: edgard.reboucas@ufes.br

ligação que há entre o jornalismo e a democracia. Para tanto, é preciso que o próprio jornalismo mostre o quanto é necessário para a sociedade com a presença de diversidade e pluralidade de vozes. Griselli Montipó (2018, p. 9) afirma que “a mídia independente e plural é condição indispensável para um sistema político democrático”, porém, no Brasil, o sistema midiático é concentrado nas mãos de poucos grupos, o que influencia o modo como a democracia é exercida.

Considerando que o cidadão é o maior interessado no jornalismo, e é para ele que tal atividade deve existir, o presente trabalho pretende chamar atenção para como o telejornalismo realizado na Grande Vitória representa as juventudes e, principalmente, como relaciona os jovens às violências urbanas.

Este estudo trabalha com o conceito de “juventudes”, no plural, partindo da premissa de que não há uma única juventude, e sim múltiplas formas de juventudes. A antropóloga Regina Novaes (2006, p. 105) ajuda nesse entendimento ao afirmar que “qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais, vivem juventudes desiguais”. Para ela, há uma diferença de raça e gênero quando o assunto são os jovens, e por isso nem todos vivem a juventude da mesma forma. Os jovens de classe alta não vivem a juventude como o jovem de classe baixa, assim como o jovem que estuda, ou que trabalha, ou que é pai. Mesmo dentro de uma mesma faixa etária, como estabelece o IBGE (2016): indivíduos de 15 a 29 anos; há múltiplas formas de se vivenciar a juventude.

A coordenadora da Área de Juventude e Políticas Públicas da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, Miriam Abramovay diz que “a violência, tendo os jovens como vítimas ou agentes está intimamente ligada a condição de vulnerabilidade social destes indivíduos” (ABRAMOVAY, 2002, p. 33). O conceito de vulnerabilidade também é trabalhado aqui para ser possível entender se essa questão faz parte das informações transmitidas pelos telejornais analisados.

Assim, este estudo busca entender quem são esses jovens, que ocupam diariamente nos telejornais capixabas, e como essas juventudes são apresentadas, ou “enquadradas”. O que este estudo aborda é se os telejornais contribuem para reforçar estereótipos dos jovens como produtores de violência.

O guia de monitoramento “Violações de direitos na mídia brasileira III”, divulgado pela ANDI – Comunicação e Direitos, mostra que os jovens em conflitos com a lei são a parcela da sociedade que tem seus direitos mais violados. Ainda de acordo com a ANDI, “quando a cobertura jornalística sobre as regras de responsabilização fica excessivamente centrada em crimes violentos, termina por construir, dentre outras, a percepção social de que os adolescentes são os grandes responsáveis pela violência letal praticada no país” (VARJÃO, 2016, p. 85).

De acordo com pesquisa realizada pela Fundação Abrinq (2017), com dados de 2016, o Espírito Santo era o segundo estado mais violento do Brasil para crianças e jovens de até 19 anos. Segundo a pesquisa, 23,8% dos homicídios cometidos no estado naquele ano vitimaram menores de 19 anos de idade. Apenas o estado do Amapá tinha um quadro pior, com 26,6%. No Brasil, a taxa era de 18,4%.

Dos 298 homicídios de jovens em 2016, a maioria: 218, foram cometidos contra crianças e jovens classificados como “pardos”. Os descritos como “negros” totalizaram 35 vítimas. Já as vítimas classificadas como “brancas” foram 21. Se comparados com os dados de 1997, os homicídios contra crianças e jovens pardos aumentaram em cinco vezes no Espírito Santo. Já os crimes desse tipo contra negros mais que triplicou. Os dados parecem se repetir, já que o fato é o mesmo: no Brasil, ou no Espírito Santo jovens, homens, negros, de periferia são as principais vítimas de armas de fogo. No Espírito Santo há os projetos “Ocupação Social” e “Estado Presente”, desenvolvidos pela Secretaria de Estado de Direitos Humanos com um ou outro nome, dependendo do governador da vez: o “Ocupação Social” é de Paulo Hartung [2003-2010 e 2015-2018] e o “Estado Presente”, de Renato Casagrande [2011-2014 e 2019-...], sendo que ambos têm o mesmo objetivo: tentar reduzir tais números com atividades elaboradas especialmente para o público jovem, morador de áreas de alta vulnerabilidade social.

No livro *A fatura das juventudes*, Monique de Oliveira Silva (2013) faz um alerta ao afirmar que:

As juventudes se mimetizam numa teia de toques e estreitamentos que revelam a complexidade do seu existir, sobretudo se pensadas as tentativas vãs de adequá-las e aprisioná-las aos espaços subjetivos prévia e repetidamente engendrados pelos mecanismos de contenção e repressão sociais atuantes nos recortes da história (OLIVEIRA SILVA, 2013, p.81).

Assim, busca-se entender aqui se o telejornalismo capixaba está ajudando a definir e padronizar o jovem como violento, aquele que representa risco à população, que é o responsável por parte das inseguranças existentes na Grande Vitória. Aristóteles de Paula Berino, Aldo Victório Filho e Maria da Conceição Silva Soares (2013), em uma coletânea de textos sobre as juventudes, afirmam como essa padronização dos jovens pode ser feita pela mídia:

Farto material jornalístico, com pretensa objetividade informacional e científica, é apresentado através de diversas mídias para explicar os jovens na especificidade de suas vidas. Vidas que parecem preocupar governos e instituições. O Estado, a família e a escola estão entre as instituições mais interessadas, preocupadas com o governo das práticas e das imagens que fazem parte das identidades juvenis (BERINO, FILHO, SOARES, 2013, p. 19).

Já Mione Apolinario Sales (2007) trabalha com a expressão “(in)visibilidade perversa”. Para a autora, os jovens que não têm o apoio das famílias, vivem em situação de risco, situação de rua, convivem com a violência e somente se tornam visíveis para a sociedade e para o Estado quando cometem algum tipo de ato infracional.

Serge Moscovici (2009) afirma que todas as imagens são representações. Por isso, quando as juventudes estão nos telejornais, é importante entender como se dão essas representações. Os estudos e as pesquisas já desenvolvidos referentes às juventudes mostram que a imagem, a representação das juventudes relacionadas às violências já faz parte da representação dos jovens. Faz parte do senso comum. É importante ressaltar que as representações existem como forma de padronizar e rotular alguma coisa: seja um indivíduo, um grupo, seja uma instituição.

Nesse contexto, a presente pesquisa analisa os telejornais da Grande Vitória, em que, diariamente, tais representações estereotipadas vêm sendo reforçadas, buscando entender como as juventudes são trabalhadas nos telejornais, e essa representação contribui para aumentar o preconceito com jovens e, sobretudo, relacioná-los como infratores ou vítimas das violências. Dentro desse recorte, foram analisados quatro programas jornalísticos: *Balanço Geral ES*, da TV Vitória (Record); o *Tribuna Notícias* e o *Ronda Geral*, da TV Tribuna (SBT); e o *ESI*, da TV Gazeta (Globo).

A exploração da violência pelos telejornais

O jornalismo, seja impresso, radiofônico, televisivo ou online, utiliza a violência como forma de notícia. Ciro Marcondes Filho (1988) afirma que “a violência é um forte componente dos conteúdos da TV” (MARCONDES FILHO, 1988, p. 87). Para o autor, as pessoas precisam assistir outros indivíduos sendo punidos para que encontrem uma espécie de conforto para obedecerem às regras das sociedades.

Quem todos os dias vive experiências de privação, quem tem de abrir mão de suas vontades em prol de um princípio de realidade opressor e anônimo, quem “precisa” padecer sob as normas da sociedade e recalcar todas as aspirações de felicidade, precisa encontrar na TV, mas não só nela, a valorização do seu sofrimento. O fora-da-lei, o criminoso o marginalizado, o diferente, o ousado, o aventureiro, o irresponsável, o cabeça-fresca, sempre acabam mal, pois o que vale é o princípio de sensatez, é viver sob o padrão exigido. Nesse sentido, a violência na TV é idêntica à violência com que a sociedade trata todos aqueles que ousam romper com esse princípio de realidade e desafiá-la. Por isso ela é valorizada (MARCONDES FILHO, 1988, p. 88).

São por esses motivos que a televisão explora a violência, pelo histórico também das audiências dos programas policiais sensacionalistas, e até mesmo das novelas que sempre exploram a violência de alguma forma. Milton Santos (2001) ligava a exploração da violência a uma espécie de competitividade que os veículos de comunicação exercem uns com os outros, o que leva até a representação da violência para a conquista da audiência. “A competitividade é uma espécie de guerra em que tudo vale e, desse modo, sua prática provoca um afrouxamento dos valores morais e um convite ao exercício da violência” (SANTOS, 2001, p. 57). A violência se tornou rentável, e para conquistar os telespectadores, e continuar no mercado, o campo jornalístico a explora.

Já Marilena Chaui (2006), no texto *Simulacro e Poder: uma análise da mídia*, faz um percurso sobre a violência, e afirma que no Brasil a extensão da violência tem levado a banalização do mal.

A dimensão pública assumida pela violência no Brasil, nos últimos anos tem levado à “banalização do mal”, para usarmos a expressão cunhada por Hannah Arendt. A imagem do mal banalizado é construída a partir de outras imagens expressas em palavras como chacina, massacre, guerra civil tácita. Estas imagens, por sua vez, são referidas a fatos, como o da indistinção entre

crime e polícia, ou a ideias, como as de crise ética, fraqueza da sociedade civil, debilidade das instituições públicas (CHAUI, 2006, p. 115).

Ela afirma ainda que por não ter limites, a violência devasta a natureza humana, e que cada ser humano tem uma forma de medir o que é violento do não violento, e que isso é feito por uma série de símbolos.

Quando nos colocamos na perspectiva do *métron*, isto é, da medida da avaliação, estamos saindo da esfera da natureza enquanto algo dado ou enquanto fato bruto para nos situarmos no interior da esfera da cultura, entendida como o modo de uma sociedade interpretar a realidade por meio de símbolos e valores pelos quais passa a medir e a diferenciar o justo e o injusto, o verdadeiro e o falso, o bem e o mal [...] (CHAUI, 2006, p.119).

Na perspectiva de Chauí (2006), pode-se relacionar como os meios de comunicação são os responsáveis, muitas vezes, por criarem esses símbolos e reforçarem o bem e o mal. No caso das juventudes, partindo da hipótese de que os telejornais representam as juventudes de forma a construir uma identidade do jovem rebelde e responsável pelas violências, essa percepção passa para os telespectadores, que tendem a olhar para os jovens com olhares de repreensão e medo. Por isso é importante que a violência, simbólica ou física, seja abordada pelos telejornais de forma que dê subsídios para que a sociedade cobre soluções, que a discussão não fique em torno das prisões e dos discursos que apontam que “bandido bom, é bandido morto” ou, por exemplo, sobre a discussão da redução da maioridade penal. A violência não pode ser vista como prática normal, as pessoas aceitam assistir a violência e a imagens chocantes, sem que isso as incomode.

Metodologia

A pesquisa empírica aqui desenvolvida buscou analisar os telejornais utilizando as categorias idade dos jovens, sexo e gênero, cor ou raça, quantidade de matérias com a presença das juventudes, fontes utilizadas nas matérias, locais das coberturas, tema da matéria e a tipificação recebida pelos jovens durante as coberturas. Importante ressaltar que parte dos dados são das matérias das “editorias” de Segurança e Polícia, com um

total de 117 matérias de com este foco contendo jovens, contra 17 matérias de temas como Esporte, Educação, Comportamento, Saúde, Economia.

Para auxiliar na categorização das matérias, foi utilizada a idade dos jovens de 15 a 29 anos, com base na definição realizada no Estatuto da Juventude (2013) e pelo IBGE (2003), e quando a idade não foi divulgada, a palavra “jovem” ou “adolescente” contou para determinar. O material da pesquisa foi codificado com base na metodologia desenvolvida por Laurence Bardin (1977) que explica:

A codificação corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto que pode servir de índices (BARDIN, 1977, p. 103).

Bardin (1977) trabalha ainda a importância da categorização para a realização da análise de conteúdo. Para a pesquisa, o conceito de categorização semântico da autora foi utilizado durante a análise. “O critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas: por exemplo, todos os temas que significam a ansiedade, ficam agrupados na categoria ansiedade)” (BARDIN, 1977, p. 118). A análise foca nos temas que envolvem as juventudes.

Ao todo, 40 edições de quatro telejornais e 134 matérias foram analisadas, esse número corresponde ao número de matérias que tiveram a participação dos jovens, sejam eles vítimas ou autores das violências, além de personagens das matérias de esporte, educação, saúde, comportamento e economia. Somando os quatro telejornais, foram 292 matérias sem a presença das juventudes, como já dito.

O primeiro passo da pesquisa foi a escolha dos telejornais analisados e o período de análise. Os telejornais escolhidos foram de três emissoras e que são transmitidos durante o horário do almoço, sendo exibidos quase ao mesmo tempo em cada emissora, e o recorte temporal foi durante a última semana de março de 2019, e a segunda semana de abril de 2019. O recorte foi realizado visando a um período sem acontecimentos como férias ou feriados para que a cobertura dos telejornais fosse a mais factual possível, para que os dados não fossem comprometidos.

Análise dos resultados

Durante as duas semanas analisadas, as juventudes estiveram presentes em cerca de 30% dos telejornais. O *Balanço Geral* apresentou o maior número de matérias com jovens, todas na editoria de polícia, foram 52 matérias e 99 matérias sem jovens, em porcentagem representa que foram exibidas 34% de matérias com jovens e 66% de matérias sem os jovens. O *Ronda Geral* exibiu 13 matérias com jovens, e 28 matérias sem jovens, 33% das matérias com jovens e 77% sem jovens. O *ESI* apresentou 37 matérias com jovens e 65 matérias sem jovens, o que representa 36% de matérias com jovens e 64% sem jovens. O *Tribuna Notícias 1* exibiu 33 matérias com jovens e 100 matérias sem jovens, o que mostra um percentual de 25% de pautas com jovens e 75% sem jovens. Praticamente em todos os telejornais, a metade das matérias exibidas são sobre as juventudes, apenas o *Tribuna Notícias 1* que apresentou um número maior para matérias sem os jovens.

Sexo dos jovens presentes nas matérias

A partir das análises é possível afirmar que nas matérias presentes nos telejornais, a maioria dos jovens são do sexo masculino, o que representa cerca de 85% das matérias, já as jovens são cerca de 15%. Ou seja, os telejornais quase não apresentam as mulheres em suas matérias sobre juventudes. A frequência do sexo masculino nas reportagens é muito maior.

Os dados mostram que a questão de gênero apresenta, ainda, bastante desigualdade com relação ao masculino e ao feminino. O que mostra que nas duas semanas de análise foi representado pelo telejornalismo capixaba um “mundo de homens”. O masculino apresenta uma representação muito maior do que o feminino, isso mostra a relação de poder existente há anos na sociedade. O estudo *Representações de Gênero na Mídia* (ROCHA; WOITOWICZ, 2013) mostra que os meios de comunicação apresentam maior protagonismo masculino e tendência à invisibilidade das mulheres. O estudo revela ainda “um tipo de comportamento da imprensa, que de forma consciente ou não produz desigualdades no tratamento de homens e mulheres nas notícias” (2013, p.12).

Nessa perspectiva de uma análise de gênero, é importante que os telejornais sejam compreendidos como espaços de construção de relações de gênero, dando voz e representando as mulheres que há tantos anos são silenciadas e invisibilizadas.

Cor ou Raça dos jovens

Outra categoria de análise foi a identificação de cor e raça dos jovens presentes nas matérias. A identificação teve como base as categorias utilizadas pelo IBGE (2003). Durante as duas semanas de análise, observou-se que nos quatro telejornais, a maioria dos jovens eram negros, como aponta a tabela 1. Importante ressaltar que em algumas matérias não foi possível identificar a cor das pessoas, já que elas não apareceram nas imagens.

A classificação de cor ou raça foi realizada com base na classificação do IBGE (2003):

Um método de identificação racial é um procedimento estabelecido para a decisão do enquadramento dos indivíduos em grupos definidos pelas categorias de uma classificação, sejam estas manifestas ou latentes. Existem basicamente três métodos de identificação racial, que podem ser aplicados com variantes. O primeiro é a auto-atribuição de pertença, no qual o próprio sujeito da classificação escolhe o grupo do qual se considera. A auto-atribuição, por exemplo, pode ser registrada pelo próprio sujeito em um formulário ou pode ser respondida ao entrevistador que a registra. O segundo é a heteroatribuição de pertença, no qual outra pessoa define o grupo do sujeito. O terceiro método é a identificação de grandes grupos populacionais dos quais provieram os ascendentes próximos por meio de técnicas biológicas, como a análise do DNA (IBGE, 2003, p. 7).

A heteroatribuição de pertença foi utilizada, já que a cor ou raça foi definida com base na observação da pesquisadora ao analisar as imagens das pessoas que apareceram nas reportagens. A heteroatribuição foi necessária já que não seria possível que cada indivíduo das matérias realizassem a auto-atribuição.

A heteroatribuição foi feita apenas sobre os jovens que apareceram nas matérias analisadas. Em algumas matérias apareciam jovens de cor ou raça diferentes, e em outras matérias o jovem não foi identificado, por isso, na tabela foi incluída a expressão “sem identificação” para apontar que em alguns casos não foi possível realizar a heteroatribuição. Alguns casos estão relacionados ao fato de que apenas o repórter, ou testemunhas e autoridades são destaques nas matérias, não tendo imagens dos jovens.

Para a heteroatribuição foram usados dois ou mais fenótipos negros, como tom da pele, cabelo crespo, nariz largo, por exemplo, para classificar os jovens como negros ou pardos.

Tabela 1- Cor ou raça dos jovens presentes nas matérias

Cor ou Raça	Balanço Geral	ES1	Ronda Geral	Tribuna Notícias 1
Negro	24	19	6	19
Pardo	4	8	2	3
Branco	6	10	4	7
Sem Identificação	20	6	3	6

Fonte: Produzida para a pesquisa, com base nos dados dos telejornais e na categorização do IBGE

A partir dos dados é possível perceber que a maioria das matérias dos telejornais apresentam jovens negros, e principalmente, em matérias policiais. O que pode ser apontado como uma problemática social do enquadramento dessas juventudes realizado pelos telejornais.

Por acreditar na importância da discussão racial, que não é diferente quando o foco são os jovens, utiliza-se a categoria cor ou raça nas discussões desta pesquisa, já que o preconceito passa pelas juventudes negras que, no telejornalismo, são vistas na maioria das matérias relacionadas ao crime e à marginalidade. Jovens negros e brancos vivem a juventude de formas diferentes, como já apontado.

Idade dos jovens presentes nas matérias

Outra categoria analisada foi a idade dos jovens que apareceram nas matérias. Mesmo entendendo que as juventudes não podem ser definidas apenas pela faixa etária, a idade dos jovens foi uma forma de categorizar a análise. Foram considerados jovens aqueles com idade entre 15 a 29 anos, que é a idade que o IBGE (2003) também usa para classificar a juventude. A idade foi possível ser definida pelas informações disponibilizadas pelos telejornais. Em matérias que a idade não foi disponibilizada,

foram usados os termos jovem e adolescente. Além disso, a fisionomia dos jovens foi levada em consideração.

A faixa etária de 15 a 22 anos foi a que mais esteve presente durante as duas semanas de análise. No *Balanço Geral*, 12 jovens de 17 anos foram matéria. A idade também teve maior frequência no *ESI*. Já o *Tribuna Notícias 1* apresentou mais jovens com 15, 16 e 22 anos. O *Ronda Geral* apresentou mais jovens com 21 anos.

O Atlas da Violência 2019 (IPEA, 2019) traça um perfil dos homicídios no Brasil, os dados são analisados entre os anos de 2007 e 2017. Os dados apresentam o padrão de vitimização dos homicídios por sexo, onde se observa que 91,8% das vítimas é homem (IPEA, 2019, p. 69). Os dados também analisam as idades das vítimas de homicídio, que mostram os jovens como principais vítimas.

Há uma maior probabilidade de ocorrência de homicídios entre os homens mais jovens, em que o pico se dá aos 21 anos de idade. Com efeito, 55,0% dos homicídios de homens acontece no período da juventude, entre 15 e 29 anos, ao passo que o mesmo índice para mulheres é de 41,7%, e de 53,9, quando consideramos homens e mulheres (IPEA, 2019, p. 70).

No Atlas, esse perfil é construído e analisado para que se pense em políticas públicas para essas pessoas que, durante anos, são as principais vítimas de homicídio no Brasil. Pela análise dos telejornais, os dados são próximos aos do Atlas da Violência (2019), já que os jovens que diariamente ganham visibilidade nos noticiários são jovens negros, homens, com idades entre 15 e 22 anos, em situações relacionadas às violências.

O jovem como responsável pela violência

Nas matérias da editoria de polícia foi analisado se o jovem era vítima ou agente da violência. Algumas matérias contavam com a presença de mais de um jovem, portanto, em certas matérias, há jovem como agente e vítima. A tabela abaixo mostra a frequência das vezes que os jovens apareceram como vítimas ou agentes em cada um dos telejornais.

Tabela 2 – Jovem como vítima ou agente das violências

Participação	Balanço Geral	ES1	Ronda Geral	Tribuna Notícias 1
Agente	30	17	6	17
Vítima	21	10	6	14

Fonte: Produzida pela autora, com base nos dados dos telejornais

De acordo com os dados apresentados na tabela acima, os jovens são exibidos na maioria das matérias como agentes de algum tipo de violência, homicídio, latrocínio, roubo. No *Balanço Geral* o jovem agente apareceu em 30 matérias, enquanto que na condição de vítima, em 21 matérias. O *ES1* em comparação ao *Balanço Geral* ficou em segundo lugar, apresentando o jovem 17 vezes como agente e dez vezes como vítima. No *Tribuna Notícias 1*, o jovem agente esteve presente em 17 matérias, e em 14 matérias como vítima. O *Ronda Geral* registrou o mesmo número de jovens vítimas e agentes, em ambos a frequência foi de seis vezes.

Rafael Paes Henriques e Gabriela Vasconcelos Soares Costa (2016) realizaram um estudo sobre a representação da população negra no telejornalismo capixaba que mostra como o espaço destinado ao negro é desqualificado:

Num mundo cada vez mais tecnológico e pautado por imagens, a representatividade é determinante para o reconhecimento da identidade e do valor de um grupo que está inserido nessa lógica. E o negro, nas escassas vezes em que aparece na mídia, ainda é retratado como um cidadão de segunda classe. Essa postura reforça a ideia de que ele existe apenas para ser um personagem secundário num mundo onde o branco é sempre o protagonista (COSTA; HENRIQUES, 2016, p. 4).

Na maioria das matérias em que os jovens são representados, eles aparecem como suspeitos de algum tipo de violência, o que elimina as outras possibilidades dessas juventudes aparecem para a sociedade. O telejornalismo representa grande influencia no imaginário das pessoas. Os jovens negros sendo relacionados às violências contribui para que essa população seja julgada e estigmatizada.

Temas das matérias

A linha editorial do *Balanço Geral* é de característica policial e, por isso, o maior número de matérias da editoria de polícia encontra-se nele. O *Ronda Geral*

também tem características policiais, a apresentadora, durante as semanas de análise, chama de “ronda” o momento em que as matérias de polícia aparecem. Mesmo sendo um telejornal de característica policial e tendo menos duração que o *Balanço Geral*, o *Ronda Geral* apresentou duas matérias de esporte com jovens sendo personagens.

Os telejornais *ESI* e *Tribuna Notícias 1* também apresentaram a maior parte das matérias sobre juventudes na editoria de polícia, mas o *ESI* se destacou dos outros telejornais por apresentar maior quantidade de matérias com jovens em outras editorias, como esporte e educação, por exemplo. Foram 26 matérias de polícia, três de esporte, quatro de educação, uma de saúde e uma de economia. O *Tribuna Notícias 1* apresentou 29 matérias na editoria de polícia, uma em saúde e duas em economia.

Mesmo com a presença de outras editorias além de polícia, as juventudes estão sendo apresentadas nos telejornais como autores ou vítimas das violências urbanas.

Os dados mostram que das 134 matérias com a participação dos jovens, 117 são na editoria de polícia, e quem está presente são homens, jovens, negros. Essas características podem ser comparadas com os números que são levantados pelo Atlas da Violência (2019), de que os jovens, negros e de sexo masculino estão diretamente associados às violências que ocorrem no Brasil.

A criminalidade violenta vem sendo fortemente relacionada ao sexo masculino e ao grupo etário dos jovens de 15 a 29 anos. Observando especificamente o grupo dos homens jovens, a taxa de homicídios por 100 mil habitantes chega a 130,4 em 2017. Dos 35.783 jovens assassinados em 2017, 94,4% (33.772) eram do sexo masculino. Para todos os estados, quando é feito o recorte de homens jovens, a taxa de homicídios apresenta considerável elevação em relação à taxa geral de homicídios de jovens (IPEA, 2019, p.26).

Mas é preciso destacar que os telejornais não utilizam os dados como uma ferramenta de cobrança, apenas reproduzem as estatísticas. Importante seria que o jornalismo se apropriasse dos dados para mostrar aos governantes que não faltam informações, números para que sejam feitas políticas públicas para que essa realidade mude.

O telejornal *ESI* foi o mais diverso entre os quatro telejornais, além da editoria de polícia, o jovem esteve presente quatro vezes em matérias de educação, três vezes em matérias de esporte, uma matéria em saúde, e uma de economia. O telejornal *Tribuna*

Notícias 1 exibiu duas matérias de economia com jovens, e uma matéria de saúde. O *Ronda Geral* exibiu duas matérias de esporte com jovens.

Considerações finais

Este estudo analisou como os telejornais da hora do almoço da grade capixaba, mostram as juventudes. Para o artigo foi levado em conta as matérias com a presença das juventudes, e quem são esses jovens que estão presentes no telejornalismo da Grande Vitória. A partir das análises, é possível perceber que há uma ausência das juventudes, mas sim um reforço no jovem, homem, negro e autor das violências urbanas.

É possível afirmar ainda que a juventude retratada é singular, e não múltipla, já que das 134 matérias com a presença das juventudes, apenas 17 fugiam do tema violência. Além disso, a juventude retratada é uma juventude masculina. As jovens não têm o mesmo espaço. Na maioria das matérias com jovens aparece homens, e apenas em 15% das matérias há a presença de mulheres jovens. O que demonstra a falta de representação dessas jovens nos telejornais. Elas aparecem como vítimas ou testemunhas em matérias policiais, e apenas em duas matérias sobre esporte.

As análises mostram que a juventude ligada às violências urbanas é uma juventude que tem cor, é negra. Nenhum desses elementos característicos da juventude representada pelos telejornais é discutido por eles. As matérias não abordam os contextos dos jovens, apenas abordam o factual. Não usam os dados disponíveis, como por exemplo, o Atlas da Violência, para cobrar dos poderes públicos ações mudem a vida desses jovens.

Por acreditar na potência da comunicação e sua força para o exercício da democracia que este estudo foi realizado. É para a produção de um jornalismo diverso, que represente as juventudes em todas as suas formas de existir e de vivenciar a territorialidade que a pesquisa foi pensada. É preciso que jornalistas, pesquisadores e sociedade possam contribuir para que as juventudes sejam reconhecidas em todos os seus modos de existir e tenham condições para isso, com esporte, lazer, educação, saúde.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina**: Desafios para Políticas Públicas. Brasília : UNESCO, BID, 2002.

ABRINQ. **A criança e o adolescente no ODS**. São Paulo: Fundação Abrinq, 2017. Disponível em

<https://observatoriocrianca.org.br/system/library_items/files/000/000/021/original/A_Crian%C3%A7a_e_o_Adolescente_nos_ODS_-_6_11_e_16pdf.pdf?1513175968> Acesso em 23/08/19.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo, Martins Fontes, 1977.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder**: uma análise da mídia. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

COSTA, Gabriela Vasconcelos; HENRIQUES, Rafael da Silva Paes. **O lugar da população negra no telejornalismo capixaba**. São Paulo: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira em 2016. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. **Atlas da Violência 2018**. Rio de Janeiro: 2019. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf> Acesso em 16 de fevereiro de 2019.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**: a vida pelo vídeo. São Paulo: Editora Moderna, 1988.

MONTIPÓ, Criselli. **Jornalismo e democracia**: tensionamentos não democráticos. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville, 2018.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2009.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos diferenças e trajetórias. In: **Culturas jovens: novos mapas de afeto**. ALMEIDA, M.I.M de, EUGENIO, F (orgs.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

OLIVEIRA SILVA, Monique de. Juventudes inventadas. In: BERINO, Aristóteles; VICTORIO FILHO, Aldo (Org.) ; SOARES, Conceição (Org.) . **A fatura das juventudes**: tramas entre educação, mídia e arte. 1. ed. Rio de Janeiro: NAU/EDUR (Editora da UFRRJ), 2013.

ROCHA, Paula Melani; WOITOWICZ, Karina Janz. **Representação de gênero na mídia**: um estudo sobre imagem de homens e mulheres em jornais e revistas segmentadas. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. Florianópolis, 2013.

SALES, Mione Apolinario. **(In)visibilidade perversa**: adolescentes infratores como metáfora da violência. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SECRETARIA DO ESTADO DE DIREITOS HUMANOS. **Conselho estadual da juventude**, 2017. Disponível em: <<https://sedh.es.gov.br/conselho-estadual-da-juventude-cejuve>> Acesso em 20/08/19.

VARJÃO, Suzana (coord.). **Violações de direitos na mídia brasileira**: Pesquisa detecta quantidade significativa de violações de direitos e infrações a leis no campo da comunicação de massa. / Suzana Varjão. Brasília, DF: ANDI, 2016. 148 p.; (Guia de monitoramento de violações de direitos; v.3).